

A RELAÇÃO ENTRE RELIGIÃO E SAÚDE MENTAL DE PESSOAS IDOSAS QUE LIDAM COM A FINITUDE

Jennifer Linny Pereira Tomé ¹

Ana Beatriz Costa Xavier ²

Emily Pereira de Medeiros ³

Josevânia da Silva ⁴

RESUMO

A religião, assim como a morte, ocupa um lugar importante na história da humanidade, cujo impacto, nas sociedades, é imensurável. Este estudo tem por objetivo analisar, a partir de uma revisão narrativa da literatura, a relação entre religião e saúde mental de pessoas idosas ao lidar com o processo de finitude e a morte. Sendo o foco a saúde mental da população idosa, preconizou-se um olhar psicossocial do envelhecimento e da morte, advindo da Psicologia Social, evitando o reducionismo intrapsíquico. O artigo se caracteriza como uma revisão narrativa da literatura, a qual foi realizada a partir de plataformas digitais para captação dos referenciais teóricos, tais como SciELO, Google Acadêmico e artigos acadêmicos universitários disponíveis em repositórios, revistas e/ou periódicos. Inicialmente, foi explanado a definição de religião, as diferentes religiões existentes e suas respectivas visões sobre a morte, bem como, as narrativas de pessoas idosas que experienciam o envelhecimento e a aproximação da morte. Depois, discorreu-se sobre conceito de envelhecimento que considera sua dimensão biológica, psicológica e social. Além disso, discutiu-se sobre a percepção da pessoa idosa e da velhice de acordo com a sociedade e a cultura. Relacionado a isso, destacou-se as implicações psicológicas para as pessoas idosas que lidam com a morte e seu processo, assim como os outros fatores que atravessam essas questões, como a situação socioeconômica e a solidão de uma sociedade individualista. A partir da literatura analisada, observou-se que as religiões podem contribuir, significar e ressignificar os processos de finitude e morte. Conclui-se que o tema é de extrema complexidade e deve ser tratado com seriedade, levando em consideração as experiências pessoais das pessoas idosas, principalmente diante do tabu social, estigma e angústia que cercam a morte, o morrer e o envelhecimento.

Palavras-chave: Morte, Religiões, Envelhecimento, Saúde mental.

INTRODUÇÃO

A princípio é válido conceitualizar a religião e a religiosidade. De acordo com Silva e Siqueira (2009 apud Gomes et al., 2014, p. 110), a religião seria da ordem institucional, enquanto a religiosidade seria compreendida na dimensão pessoal. Porém, tanto a religião quanto a religiosidade podem fazer parte da vida integral do sujeito, em especial dos idosos que lidam com a finitude da vida e suas conseqüentes perdas e aflições. Ambos começaram a fazer

¹ Graduanda do Curso de Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, jenniferlinny9@gmail.com;

² Graduanda do Curso de Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, beatrizxavier.danca@gmail.com;

³ Graduanda do Curso de Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, pereira_any1@outlook.com;

⁴ Doutora e Professora Associada do Curso de Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, josevania.psi@gmail.com

parte da manifestação desse ser idoso, seja em relação a si mesmo ou ao próximo, assim como afirma Oliveira e Menezes (2018) em:

“a religião/religiosidade, nos modos de manifestação, se apresenta de três maneiras: o ser-si-mesmo, ao viver para a religião; ser-junto-ao-mundo, em seu modo de ocupação com a religião; e ser-com, através do modo da preocupação com outro, devido os preceitos religiosos” (p. 826).

A religião e suas práticas se fazem presente no dia a dia do sujeito, comunicando-se e influenciando inúmeras dimensões de sua vida social e pessoal. A expressão da religião e religiosidade pode depender do contexto cultural e social do indivíduo, levando em consideração esses elementos e as experiências de vida do ser. Nesse sentido, a religião muitas vezes não é enxergada pelos idosos como uma doutrina, mas sim como algo que faz parte de seu ser mais íntimo, algo que lhe dá sentido diante da finitude, algo que os ajuda a lidar com os sofrimentos da vida. Nesse sentido, Oliveira e Menezes (2018) destacam que “ela se apresenta no mundo dessas pessoas não apenas como doutrina, mas como algo que dá sentido à sua existência, ocupando em sua facticidade a integralidade do seu ser no mundo [...]” (p. 827). Sendo assim, “para a pessoa idosa, a religião/religiosidade significa o encontrar a si mesma naquilo que ela empreende, usa, resguarda, ou seja, no que está imediatamente à sua mão no mundo circundante” (Oliveira; Menezes, 2018, p. 827).

Por outro lado, o envelhecimento e a morte são fenômenos humanos naturais e inevitáveis, contudo, são percebidos de maneiras diversas a depender da época e da cultura. A exemplo disso, conforme Oliveira e Anderson (2020), “até as últimas décadas do século XVIII e início do XIX, a morte era considerada um fenômeno natural e vivenciada no domicílio, com a presença de familiares e amigos” (p. 2). Em contrapartida, nota-se uma distinta maneira de perceber a morte nas sociedades atuais, pois com as epidemias, os cultos religiosos, o capitalismo e o desenvolvimento tecnológico, “a morte passou a representar um desafio a ser superado e foi progressivamente sendo transferida para o ambiente hospitalar, distanciando-se das pessoas e do seu seio familiar” (Oliveira; Anderson, 2020, p. 2).

Assim, a morte torna-se algo medonho e que deve ser contido; uma inimiga que denota derrota e fraqueza. Ademais, apesar de ser em sua essência um evento coletivo, paradoxalmente se manifesta, na atualidade, como um evento individual e, muitas vezes, solitário, quando refletimos sobre o abandono familiar no período da velhice. Dessa maneira, como afirma Oliveira e Anderson (2020), “todo esse contexto tem causado sofrimentos em especial para os que estão mais perto da morte, em situação de maior fragilidade” (p. 2), a saber: as pessoas idosas.

À vista disso, compreende-se que, em determinados contextos, a religião e a morte ocuparam e ainda ocupam um lugar inquestionável na história. Sendo assim, com base em um recorte que visa as implicações emocionais e psíquicas para a população idosa ao lidar com a morte e a colaboração ou não da religião nesse processo, notou-se a importância de abordar esse assunto, muitas vezes, atravessado por tabus sociais, despreparação profissional, preconceitos e abandono. Desse modo, este artigo teve como objetivo entender qual a relação existente entre as religiões e a saúde mental de pessoas idosas que lidam com a finitude, com o processo de morrer e a morte. Para alcançar esse objetivo foi realizada uma revisão narrativa da literatura por meio de plataformas digitais como o SciELO, Google Acadêmico e artigos universitários disponíveis em revistas, repositórios e/ou periódicos.

As temáticas abordadas neste artigo estão relacionadas ao envelhecimento, velhice, finitude, morte, religiões e saúde mental. A partir disso, as discussões foram organizadas em três eixos temáticos: aspectos biológicos, psicológicos e sociais do fenômeno do envelhecimento; implicações psicológicas e emocionais nas pessoas idosas que lidam com a finitude; e a religião como estratégia de enfrentamento utilizada pelas pessoas idosas para lidar com a morte e como as práticas religiosas podem oferecer situações favoráveis e desfavoráveis para a saúde. Portanto, salienta-se que o desenvolvimento deste trabalho tentou abarcar as principais discussões acerca dessa temática, de modo a abordá-la considerando sua complexidade e seriedade, podendo assim, possivelmente, proporcionar bem-estar emocional e condições dignas, enquanto vida, à população idosa.

METODOLOGIA

Esse artigo se caracteriza como uma revisão narrativa da literatura e deu-se em duas etapas: a primeira consistiu em realizar uma busca de produções científicas que obtivessem informações que compactuam com a proposta aqui apresentada. Dessa forma, utilizaram palavras-chave como: religião e envelhecimento; religião e morte; religião, finitude e velhice nas plataformas Google Acadêmico, SciELO e artigos acadêmicos universitários disponíveis em repositórios, revistas e/ou periódicos. Na segunda etapa, selecionaram e excluíram-se intencionalmente os artigos que após uma leitura prévia não abordaram as relações entre morte, religião e envelhecimento. Sendo assim, as publicações selecionadas são todas nacionais e datam de 2005 a 2021, sendo de diferentes áreas do conhecimento.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao pensarmos no processo de envelhecimento, nos seres humanos, compreendemos não somente pela perspectiva biológica, mas também, psicológica e social. Porém, podemos assemelhar o ser humano aos demais seres vivos no que diz respeito à culminância para um fim comum, a morte. Todavia, o humano não aceita sua finitude e se esforça para a preservação da eterna juventude (Scopinho, 2010). No aspecto biológico do envelhecimento, Scopinho (2010) aponta três fatores de sua ocorrência: o primeiro fator é o de que de forma inevitável todo ser passa de maneira natural pelo nascimento, crescimento e morte, ao menos que esse sujeito tenha sua vida tirada por algum motivo. Ademais, a segunda razão é o processo de homeostase do corpo que se trata de mecanismos fisiológicos que regula o corpo internamente. E, por fim, o código genético que funciona como uma espécie de programa de reprodução seletiva até o final da evolução de cada unidade.

Prosseguindo para uma visão psicológica do envelhecimento, é fato que após anos as atitudes, comportamentos e pensamentos diante da vida se alteram no sujeito idoso. Este passa, então, por uma diminuição do entusiasmo e motivação diante dos desafios postos pelo social. Segundo, Scopinho (2010) três tipologias de pessoas idosas podem ser citadas: *construtivos* que se referem àqueles que percebem o envelhecimento enquanto um processo de enriquecimento e desenvolvimento social e psicológico, contribuindo para si mesmo e aos que convive junto à ele; *dependentes* que são aqueles que se colocam em posição de passividade e dependência diante dos outros da sociedade; os *defensivos* que demonstram uma falta de controle emocional e comportamentos neuróticos; e, por fim, os *pessimistas* que não aceitam suas condições de vida e proximidade com a morte e são hostis consigo mesmos. Outrossim, é válido pontuar que as personalidades são influenciadas pelos padrões e circunstâncias que surgiram e que foram influentes ao longo da vida do sujeito.

Levando em consideração essa perspectiva mais abrangente do envelhecimento, é importante ressaltar como este é enxergado e entendido em culturas distintas. Scopinho (2010), utilizando-se do pensador e filósofo chinês Confúcio (551-479 a.C.), afirma que “nas sociedades antigas ser velho era uma posição dignificante” (p. 160). No pensamento das sociedades orientais antigas havia uma valorização das experiências das pessoas mais velhas e, conseqüentemente, maior respeito para com estas. Outro influenciador dessa época, segundo Costa e Detmering (2021), foi Lao-Tsé (604-531 a.C.) que “apregoava a velhice como um momento especial, supremo mesmo, quando o ser humano alcançaria a espiritualidade máxima, a liberdade e a santificação, a partir dos 60 anos de idade” (p. 203). Em contrapartida, de acordo

com Costa e Detmering (2021), na sociedade clássica grega havia a valorização do corpo jovem e saudável, o cultivo da preservação da juventude, sendo assim, “encarando a velhice com desprezo, por medo da morte e pela ausência do prazer que o corpo envelhecido viria a experimentar” (p. 203).

Assim, podemos verificar, diante das reflexões acima, como a compreensão do envelhecimento além de ter como base os pensamentos das sociedades antigas, também é atravessada pela dinâmica social a qual estamos inseridos. Na sociedade moderna e contemporânea, no seio do capitalismo e do desenvolvimento industrial e tecnológico, o ser velho torna-se sinônimo de decadência. Conforme salientado por Scopinho (2010), “ocorre uma significativa valorização da força de produção nas sociedades urbano-industriais, criando relações de preconceito e de desvalorização com relação aos idosos” (p. 160). Sendo assim, nessa sociedade que preconiza o lucro e a produção, a pessoa idosa é enxergada como um ser inútil incapaz de produzir.

Diante das implicações emocionais, mencionadas anteriormente, as quais as pessoas idosas estão expostas ao lidarem com a morte de seus entes queridos e com a aproximação da sua própria morte, é relevante pontuar como esse processo pode ser solitário. De acordo com Marin et al. (2012), “a família representa a principal fonte de apoio à pessoa idosa, sobretudo entre as camadas mais carentes da população, as quais se organizam em coabitação, incluindo pessoas de várias gerações de modo a se autoajudarem” (p. 152). Portanto, o abandono dos familiares durante o processo de envelhecimento, pode desencadear consequências emocionais significativas para as pessoas idosas nesse contexto. Sendo assim, o processo de lidar com a morte acaba sendo mais delicado, pois “se o idoso sente que deixou de ter significado para seus familiares e amigos, a solidão está configurada e, conseqüentemente, a dor e o sofrimento da exclusão” (Santos et al., 2018, p. 6). Além disso, uma sociedade com princípios individualistas pode corroborar para que esse processo seja ainda mais difícil. Conforme Santos et al. (2018):

“Uma característica que condiciona nossa imagem da morte é o alto grau de individualização das sociedades contemporâneas, nas quais os sujeitos constroem um imaginário de isolamento individual a respeito de si mesmos e dos outros. Esta característica faz com que idosos sintam a solidão e a proximidade da morte de forma mais intensa. A intensidade com que são enaltecidos certos valores, como a autonomia e a independência, produz um sentimento de perda subjetiva durante o processo de envelhecimento” (p. 10).

Apesar desse processo poder ser solitário, a religião surge enquanto possibilidade de companhia, acolhimento e auxílio ao lidar com a finitude. A morte é inevitável, é algo que faz parte do ciclo da vida, mas culturalmente ela tem sido vista como assustadora, trágica, negativa, dolorosa com buscas fracassadas de evitá-la. Pensando nisso, falar abertamente sobre essa

temática ainda é um tabu e, para alguns, um assunto que não deve ser comentado para não atrair precocemente. Com todo o estigma social, falar sobre a morte pode ser visto como um incômodo e trazer à tona questões existenciais, de finitude, medo do pós-morte e angústia; e, diante disso, busca-se na religião um modo de enfrentar, lidar e entender a morte e o que pode ocorrer depois. Sendo assim, entende-se que “uma das vias pelas quais as pessoas se utilizam como caminho para a ressignificação do luto que as atinge, do vazio e da angústia existencial que as envolve, é através da aderência às crenças religiosas” (Donadon, 2021, p. 9).

O budismo tibetano, por exemplo, enxerga a morte como parte indissociável da vida, um aspecto natural, fazendo parte de um ciclo de mudanças que não termina; ela não é temida nem evitada, mas visualizada como uma transição para uma nova existência, em que a mente e a energia continuam a existir mesmo com o corpo físico não mais existindo. Para o budismo o eu eterno não existe, as pessoas morrem e renascem abandonando a ideia do que um dia foram. O renascimento é em algum nível de realidade (animal ou inanimado) determinado pelo carma que viveu e com efeitos e consequências da vivência passada na atual vida (Donadon, 2021; Mello, 2013; Silvestre, 2014).

A umbanda é uma religião considerada brasileira que se construiu com referências em diversas outras culturas como a nativa indígena, os cultos africanos, a doutrina Kardecista e o catolicismo (Karat et al., 2019, p. 427). Outrossim, essa religião considera que o fim não é dado a partir da morte do corpo físico e sim como um encerramento de um ciclo. Portanto, o corpo físico é encaminhado ao campo espiritual que compactue com as ações e as vibrações emocionais acumuladas durante o percurso desse corpo físico. Dessa forma, a intenção é que haja a evolução e desenvolvimento constante desse espírito e que após a morte ocorra o seu retorno à pátria espiritual, efetivando o encerramento de uma missão nessa reencarnação. Além disso, as entidades e orixás farão o importante papel de realizar os rituais de passagem do corpo material ao espiritual garantindo que o espírito esteja seguro e não tenha problemas com espíritos negativos (Jacobucci, 2016). Ademais, cada entidade e orixá terá sua representação no processo da morte e do pós-morte, a exemplo: Nanã Buruquê sendo um dos Orixás mais antigos, senhora da morte, é responsável pela passagem desta vida para outras dimensões; já Obaluaê é responsável pelos estágios da vida, enquanto Nanã contribui para a passagem de uma dimensão para outra, conduz os espíritos, rege os cemitérios e é o curador divino das doenças (Karat et al., 2019, p. 428). Assim, percebe-se que essa religião, seus orixás e entidades trazem simbolizações importantes para a pessoa idosa que lida com a proximidade de sua finitude.

Já na perspectiva do cristianismo, segundo Mello (2013), a vida é visualizada como um tempo extremamente curto e efêmero, e a morte como uma passagem para a vida eterna. Então,

na religião cristã, a existência é percebida em uma tríade: corpo, alma e espírito. Quando se morre acredita-se que o corpo volta para a terra, o espírito retorna à Deus e a alma tem como destino o céu (comunhão e intimidade com o divino) ou o inferno (punição por não seguir os princípios e dar mais valor aos pecados) por toda eternidade — no catolicismo existe também o purgatório, onde se pagará por um tempo os seus pecados; ali vai pessoas que não foram boas o suficiente para ir ao céu nem tão más para irem ao inferno. Desse modo, após a morte a alma passa por um julgamento final que determinará seu destino (céu, inferno e/ou purgatório), sendo levado em conta o que fez na terra e a existência ou não da fé em Jesus.

Na doutrina espírita a morte atinge apenas o corpo, mas o espírito da pessoa continua vivo após a morte, sendo este a essência do ser. Sendo assim, o espírito passa por um procedimento pós-morte: o processo de libertação do espírito, a desencarnação (Mello, 2013). É dessa forma que o espiritismo enxerga a finitude, como uma passagem para a desencarnação, a qual permitirá ao ser regressar ao plano físico-terreno, pois:

“Quando estiver preparado, o espírito retornará ao plano físico num novo corpo para quitar dívidas e adquirir créditos. Alguns chegam devendo e voltam ainda mais endividados por causa de orgulho, desequilíbrios e faltas graves. Reencarnamos quantas vezes forem necessárias. Seres de luz podem ascender ao mundo superior e não mais voltar à Terra” (Campetti, 2013 apud Mello, 2013).

Diante da incerteza e inexplicabilidade do pós-morte, muitos temem tanto o processo de morrer quanto a própria morte, assim, a religião vem como um auxílio, um recurso de enfrentamento para lidar e aceitar tanto a velhice quanto a morte (Gomes et al., 2012). Para Golstein e Sommerhalder (2002 apud Vianna et al., 2012, p. 125) em suas pesquisas, “[...] a força da religião e da espiritualidade ajuda as pessoas a lidar com as perdas, dando sentido à vida, ajudando a enfrentar os medos e as angústias da morte”. Como também, as comunidades geradas através da religião em comum se mostram como fonte de apoio social fora da família, podendo se tornar uma forte rede de apoio e conexões para as pessoas idosas.

Nesse sentido, a religião pode trazer tanto benefícios quanto efeitos nocivos, principalmente em relação à saúde, em específico, das pessoas idosas. Quanto aos benefícios podemos citar a presença de atitudes positivas sobre a vida e a doença, uma “sensação de sentido e propósito na vida que afeta os comportamentos de saúde e os relacionamentos familiares e sociais” (Kaplan; Berkman, 2021, p. 2), como também, possibilita novos meios de lidar com a doença e possível incapacidade gerada por tal. Sendo assim, Kaplan e Berkman (2021) afirmam que “muitos idosos relatam que a religião é o fator mais importante que os capacita a enfrentar os problemas de saúde física e o estresse da vida (como declínio dos recursos financeiros ou a perda do cônjuge ou parceiro)” (p. 2).

Ademais, Kaplan e Berkman (2021) afirmam que a religião também traz práticas de promoção da saúde como instruções para evitar o uso abusivo de álcool e outras drogas, defendendo e incentivando comportamentos que melhorem a saúde, possibilitando uma vivência com menos propensão a desenvolver disfunções relacionadas com essas substâncias (práticas visualizadas com mórmons e adventistas do sétimo dia). Como também, o convívio em comunidade incentiva a não negligência de si mesmos em questão de saúde física e mental, aumentando consideravelmente a probabilidade de doenças serem detectadas precocemente. Em concordância, Oliveira e Menezes (2018) afirmam que a religião e as relações envolvidas trazem sensações de bem-estar, felicidade e manutenção da saúde, como também sentimento de solidariedade com os outros e, assim, sendo uma importante ferramenta para o cuidado integral à pessoa idosa. Desse modo:

“[...] o envolvimento religioso contribui para diminuir a vulnerabilidade de eventos estressores, dando sentido à vida, exercendo papel relevante nas expectativas de futuro e na promoção da esperança, além de oferecer motivação para a mudança dos sujeitos, trazendo significado e propósito à vida das pessoas, sendo reconhecido como um fator que contribui para a saúde e a qualidade de vida” (Oliveira; Menezes, 2018, p. 827).

Entretanto, há também efeitos nocivos nesse envolvimento com a religião, como a grande devoção e fanatismo religioso podem causar culpa excessiva, estreiteza mental, inflexibilidade e ansiedade acentuada. Assim como, “podem surgir preocupações e delírios religiosos em pessoas com transtorno obsessivo-compulsivo, transtorno bipolar, esquizofrenia ou psicoses” (Kaplan; Berkman, 2021, p. 3). Nesse sentido, também pode gerar sentimentos de rejeição e crise existencial quando não se é aceito pela comunidade religiosa por conta da orientação sexual, de gênero ou até posicionamentos políticos. Além disso, os mesmos autores trazem que:

“Alguns grupos religiosos desencorajam os cuidados necessários para a saúde mental e física, incluindo terapias salva-vidas (por exemplo, transfusões de sangue, tratamento para infecções de risco à vida, e terapia com insulina), e podem substituí-los por rituais religiosos (como orações, cantos ou acender velas). Alguns grupos religiosos mais rígidos podem isolar e alienar os idosos dos familiares e da comunidade social de forma geral” (Kaplan; Berkman, 2021, p. 3).

Além da religião, as condições socioeconômicas também atravessam as experiências de pessoas idosas que lidam com a morte, a partir do momento que tais condições estão interligadas ao envelhecimento saudável que, em certos casos, permite que esse processo seja menos angustiante. No contexto brasileiro é evidente que há uma significativa desigualdade social, a qual impacta diretamente a qualidade de vida das pessoas idosas. Assim, Nunes et al. (2010) afirmam que através de estudos realizados foi identificado que no Brasil “a maioria dos idosos ainda possui renda igual ou inferior a um salário-mínimo e gasta aproximadamente um quarto da renda com medicamentos, interferindo assim na sua qualidade de vida” (p. 2888).

Desse modo, por meio das condições socioeconômicas é possível entender como se dá o processo de envelhecimento para essas pessoas e, principalmente, como é a etapa da velhice para elas, se configurando como algo saudável-ativo ou mal-sucedido e não saudável. Assim, quando se trata de uma situação com condições socioeconômicas não favoráveis para um envelhecimento saudável vê-se um aumento do risco de mortalidade, hospitalização, uma necessidade de cuidados prolongados e ainda um elevado custo para os serviços de saúde (Nunes et al., 2010). Portanto, para Nunes et al. (2010) além de haver a preocupação consigo mesmo e sua saúde (principalmente quando há alguma debilidade física, doença crônica ou algo nesse sentido), ainda há a apreensão em dar conta de também subsidiar a manutenção da família (irmãos, filhos, netos e/ou bisnetos), gerando mais um tipo de sofrimento.

Diante disso e de acordo com a World Health Organization (2005) a posição socioeconômica e a saúde estão interrelacionadas. Desse modo, “a cada degrau acima na escala socioeconômica, as pessoas vivem mais e com melhores condições de saúde” (Wilkinson, 1996 apud W.H.O., 2005, p. 42), em contrapartida, aqueles abaixo dessa linha têm dificuldades e baixa oportunidade de terem um envelhecimento saudável. Nesse sentido, o Banco Mundial traz dados que revelam que em diversos países em desenvolvimento (como o Brasil) “mais da metade da população vive com uma paridade de poder de compra equivalente a menos de dois dólares por dia” (W.H.O., 2005, p. 42), o que dificulta ainda mais uma boa qualidade de vida e consequente envelhecimento saudável.

Nesse cenário não é estranho que haja pessoas idosas que visualizem a morte como uma espécie de salvação e descanso perante as angústias e obstáculos que estão vivenciando. Sendo assim, é imprescindível ter um olhar tanto biológico quanto psicossocial proposto pela Psicologia Social e pela Psicologia da Saúde, entendendo o sujeito idoso como tendo também condições externas fora de seu controle que o afeta diretamente (sua saúde física e mental, sua visão e posição diante da morte, etc), pois:

“[...] uma perspectiva psicossocial do envelhecimento e do morrer parte do pressuposto da indissociabilidade entre o individual e o social. Assim, a experiência subjetiva do ser humano com sua própria velhice e a dos outros está pautada pelas características socioculturais que definem o papel do idoso, mas, ao mesmo tempo, pela forma singular como cada sujeito o assume” (Santos et al., 2018, p. 5).

Em síntese, a relação entre o envelhecimento, morte e religião é atravessada por aspectos psicológicos, biológicos, sociais e culturais. Tais aspectos influenciam os sujeitos, como também, os sujeitos são influenciados por eles. Por razões biológicas somos seres finitos, mas, na maioria das vezes, nos deparamos com questões existenciais relacionadas aos mistérios da morte e do pós-morte. Assim, a partir da ideia comum entre a maioria das religiões de que a

morte não é sinônimo de fim, estas podem surgir como um auxílio para lidar com as angústias do humano diante do não saber, trazendo respostas quanto à sua origem e principalmente seu destino final.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante o processo de construção deste artigo, pôde-se concluir que o tema é de extrema complexidade pois a morte, a religião e o envelhecimento, apesar de serem fenômenos coletivos atravessados por dinâmicas sociais, históricas e culturais, são experienciados também de maneira muito individual e singular pelos sujeitos. Concomitantemente, admite-se que a religião pode ser um auxílio e apoio para enfrentar os processos da velhice e da morte, mesmo esta última ainda sendo um tabu social. Portanto, salienta-se que o desenvolvimento deste trabalho tentou abarcar as principais discussões acerca dessa temática, de modo a abordá-la considerando sua complexidade e de maneira crítica; contudo, ainda percebe-se que não há aprofundamento na compreensão da relação entre religião, morte, envelhecimento e saúde mental.

Dessa forma, devido à escassez de estudos que tratem dessa temática, ressalta-se a importância de viabilizar na comunidade científica tais pesquisas, no intuito de explorar como a religião e de que forma ela pode auxiliar a saúde mental de pessoas idosas que lidam com a finitude. Por conseguinte, destaca-se a urgência de avanços na Psicologia e nas áreas da saúde que possam garantir condições de vida dignas, bem-estar emocional e diminuição de sofrimentos, pois como apontado por Oliveira e Anderson (2020), “os cursos de graduação na área da saúde costumam preparar os profissionais para lidar com doenças e não com a morte” (p. 9).

REFERÊNCIAS

CAMARA, Sergio Lucas; BASSANI, Marlise A. **Estudos em psicologia sobre morte, luto, religião e espiritualidade: uma revisão da literatura brasileira**. Boletim Academia Paulista de Psicologia, v. 39, n. 96. São Paulo, 2012. p.129-140.

COSTA, A.P.Q.; DETMERING, E.M.M. Valorização Social dos Percursos da Vida em Tempos de Alta Retórica do Idadismo. Revista Discente Ofícios de Clío, v. 6, n. 10. Pelotas, 2021. p. 198-216. Disponível em: <https://revistas.ufpel.edu.br/index.php/cliio/article/view/1966/1518>.

DONADON, Felipe. **As reminiscências da morte: espiritualidade e morte no budismo tibetano em diálogo com a psicologia ocidental**. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-

Graduação em Ciências da Religião). São BERNARDO DO CAMPO, 2021. Disponível em: <http://tede.metodista.br/jspui/handle/tede/2135>.

GOMES, N.S.; FARINA, M.; FORNO, C.D. Espiritualidade, Religiosidade e Religião: Reflexão de Conceitos em Artigos Psicológicos. *Revista de Psicologia da IMED*, v.6, n.2. 2014. p. 107-112. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/5155073.pdf>.

KAPLAN, Daniel B.; BERKMAN, Barbara J. **Religiosidade e espiritualidade em idosos**. [S.I.], 2021. Disponível em: <https://www.msmanuals.com/pt-br/casa/quest%C3%B5es-sobre-a-sa%C3%BAde-de-pessoas-idosas/quest%C3%B5es-sociais-que-afetam-os-idosos/religiosidade-e-espiritualidade-em-idosos>.

KARAT, F.R.; NOBRE, I.D.N.; LOPES, R.G.C.; CONCONE, M.H.V.B. O envelhecimento sob a perspectiva da Umbanda: o Arquétipo do velho representado por Orixás e Entidades. **Revista Kairós-Gerontologia**, v.22, n.1. São Paulo, 2019. p. 421–435. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/45023>.

MARIN, Maria J. Sanches et al. Compreendendo a História de Vida de idosos institucionalizados. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, v. 15, n. 1. São Paulo, 2012. p. 147-154. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbgg/a/6tnQ4zMvfPXrMW96SzdqyzF>.

MELLO, Raphaela de C. O que as religiões explicam sobre a morte. **exame**. São Paulo, 2013. Disponível em: <https://exame.com/casual/o-que-as-religoes-explicam-sobre-a-morte/>.

NUNES, D.P. et al. **Capacidade funcional, condições socioeconômicas e de saúde de idosos atendidos por equipes de Saúde da Família de Goiânia (GO, Brasil)**. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 15, n. 6. Goiânia, 2010. p. 2887-2898. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/jLPm7GZcQ3TwGzPsb9QdJHj>.

OLIVEIRA, A.L.B.; MENEZES, T.M.O. Significado da religião/religiosidade para a pessoa idosa. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 71. [S.I.], 2018. p. 770-776. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/q3MwtHsDHjmbrtFDtwQM68x/?lang=pt>.

OLIVEIRA, P.I.D.; ANDERSON, M.I.P. Envelhecimento, finitude e morte: narrativas de idosos de uma unidade básica de saúde. **Revista Brasileira de Medicina de Família e Comunidade**, v.15, n.42. Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <https://rbmfc.org.br/rbmfc/article/view/2195/1547>.

SANTOS, L.A.C.; FARIA, L.; PATIÑO, R.A. O envelhecer e a morte: leituras contemporâneas de psicologia social. **Revista Brasileira de Estudos de População**, v. 35, n. 2. Belo Horizonte, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbepop/a/h7bbq4w96BfCYMVpFMrYY5q/?format=pdf&lang=pt>.

SÁTYRO, Tradutora Mãe Dinan. O Significado da Morte e o Processo de Luto na visão da Umbanda. [Entrevista concedida a] Nazaré Jacobucci. *Perdas e Luto*, São Paulo, 13 de julho de 2016. Disponível em: <https://perdaseluto.com/2016/07/13/o-significado-da-morte-e-o-processo-de-luto-na-visao-da-umbanda/>.



SCOPINHO, Sávio Carlos Desan. **Envelhecimento e finitude: uma questão religiosa?** Estudos de Religião, v. 24, n. 38. [S.I.], 2010. p. 155-169. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6342501>.

SILVESTRE, Jader. **Perguntas e respostas sobre a morte.** Centro de Estudos Budista Bodisatva. Entrevista Retiro Conselhos sobre a Morte. São Paulo, 2014. Disponível em: <https://cebb.org.br/perguntas-e-respostas-sobre-a-morte/>.

VIANNA, Lucy Gomes; LOUREIRO, Altair Macedo Lahud; ALVES, Vicente Paulo. O velho e a morte. Revista Temática Kairós Gerontologia, v. 15, n. 4. Finitude/Morte & Velhice. São Paulo, 2012. p. 177-132. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/kairos/article/download/17040/12646>.

World Health Organization. **ENVELHECIMENTO ATIVO: UMA POLÍTICA DE SAÚDE.** Tradução: Suzana Gontijo. 1 ed. Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde, 2005. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/envelhecimento_ativo.pdf.